Jornalismo literário português: história, jornalistas e a reportagem escrita

*Portuguese literary journalism: history,
journalists and written reportage*

Manuel João de Carvalho Coutinho

ICNOVA – FCSH

manueljoaocc@gmail.com

ORCID ID: [0000-0001-6562-0188](https://orcid.org/0000-0001-6562-0188)

Resumo: Em 2006 é fundada a *International Association for Literary Journalism Studies* dedicada ao estudo do jornalismo literário (ou reportagem literária). Dois anos depois a associação realiza no ISCSP, em Lisboa, a terceira edição da sua conferência anual sobre a tutela de dois dos seus membros fundadores: as professoras Isabel Soares e Alice Trindade. Em 2014 surge a primeira tese de Mestrado inteiramente dedicada ao tema do jornalismo literário Português e em 2018 a primeira tese de Doutoramento, neste caso com um foco mais acentuado no campo de análise nacional e com entrevistas a alguns jornalistas literários portugueses. Ainda assim e apesar do crescimento do estudo e análise desta temática, a história do jornalismo literário Português ainda carece de uma análise formal e aprofundada. Uma das possíveis explicações deve-se ao facto de o jornalismo literário ser ainda hoje confundido em larga parte com aquilo que chamamos de escrita criativa e/ou literatura não-ficcional. Talvez a definição mais simples de jornalismo literário pertença a Pedro Rosa Mendes que definiu como: “Literary reportage is an engagement with reality with a novelist’s eye but with a journalist’s discipline.” Tendo isto em conta propõe-se com esta análise desenvolver e explorar o conceito de jornalismo literário e delinear uma possível estrutura para a sua história em Portugal. Para isso será importante primeiro ter em conta os académicos mais preponderantes da atualidade nesta temática como John Bak, Norman Sims, entre outros. Em segundo lugar, é fundamental analisar alguns dos jornalistas literários portugueses de hoje em dia como Paulo Moura, Susana Moreira Marques, entre outros. Por fim, será importante delinear um caminho para a história do jornalismo literário português, assim como justificar o contributo que este estudo poderá trazer para futuras análises que pretendam ter em conta as diferentes vozes e vertentes do jornalismo nacional.

Palavras-chave: jornalismo; reportagem; jornalismo literário; reportagem literária; historiografia.

Abstract: *In 2006 the International Association for Literary Journalism Studies is founded, an association dedicated to the study of literary journalism (or literary reportage). Two years later the third edition of its annual conference takes place at ISCSP, in Lisbon, under the organization of two of its funding members: professors Isabel Soares and Alice Trindade. In 2014 the first Master thesis entirely dedicated to Portuguese literary journalism is published and in 2018 the first PhD thesis, this time focusing more on a national analysis through interviews with a number of Portuguese literary journalists. Still and despite the growing number of studies and analysis on the subject, the history of Portuguese literary journalism is yet to be formally analyzed and explored. A possible explanation could be connected to the fact that literary journalism is still widely confused in what we call, in large part, as creative writing and/or non-fictional literature. Perhaps the simplest of definitions for literary journalism belongs to Pedro Rosa Mendes that defined it as: “Literary reportage is an engagement with reality with a novelist’s eye but with a journalist’s discipline.” With this in mind the following analysis is aiming to develop and explore the concept of literary journalism and at the same time try and create a possible structure for its history in Portugal. To do this it is important to first consider the preeminent academics on the subject nowadays like John Bak, Norman Sims, and others. Secondly, it is imperative that we analyze the Portuguese literary journalism of today, like Paulo Moura, Susana Moreira Marques, among others. Lastly, it is important to be able to outline a path towards the history of Portuguese literary journalism, as well as justify the contribute that such a study can bring to future analyses that wish to take into account the different voices and sides of Portuguese journalism.*

Keywords: *journalism; reporting; literary journalism; literary reporting; historiography.*

Introdução

Em Junho de 2017 o jornalista português Paulo Moura começou a trabalhar numa reportagem nos arredores da cidade Mossul, no Iraque, uma cidade que era na altura um dos sítios mais perigosos do mundo. Em Junho de 2014 a cidade de Mossul foi conquistada pelas forças do Estado Islâmico (de agora em diante referido como Daesh) num combate que foi considerado com um dos piores fracassos militares:

On June 6 [2014], a band of ISIS fighters entered the western suburbs of Mosul (...). Although it's estimated that a mere 1,500 ISIS fighters participated in the attack (...) within a couple of days, they had put the tens of thousands of Iraqi Army and security forces in the city of two million to panicked flight. (...) The ISIS offensive of June 2014 marked one of most stunning military feats in modern history: In less than one week, a lightly armed guerrilla force of, ultimately, perhaps 5,000 fighters scattered a modern and well-equipped army at least 20 times its size, capturing billions of dollars' worth of advanced weaponry and military hardware (Anderson, 2017, pp. 141-142).

Desde então a sua retoma foi sempre uma prioridade pelas forças Iraquianas e a coligação internacional. Oficialmente a reconquista de Mossul envolveu mais de cem mil tropas do lado Iraquiano contra menos de um décimo desse número do lado do Daesh. A reconquista começou em Outubro de 2016 estendendo-se até Julho de 2017 com a vitória das forças Iraquianas e do apoio da coligação que incluía países como os Estados Unidos e mais trinta outros países, incluindo Portugal. É neste contexto de uma cidade ainda com disputas armadas a decorrer e com violência nas ruas que Paulo Moura chega à cidade de Mossul descrevendo o cenário desta forma:

O governo de Bagdade anunciou a libertação da cidade do domínio do Estado Islâmico enquanto, ao mesmo tempo, dava ordens para matar todos os resistentes, todos os suspeitos de serem, ou terem sido, resistentes, incluindo as suas famílias, incluindo as suas crianças. Foi nestes dias que me instalei numa casa em Mossul Ocidental (Moura, 2018, p. 10).

O que fez Paulo Moura viajar para Mossul para cobrir este acontecimento numa altura tão conturbada da história recente do Iraque? Paulo Moura era livre de ter recusado esta reportagem, muitos jornalistas teriam no feito e com razão. O jornalismo português a cobrir histórias no Iraque não é de todo algo comum e ainda que hajam grandes reportagens nacionais neste país (como o trabalho de Cáceres Monteiro e Carlos Fino), a verdade é que o interesse português neste país não é de todo considerável. E mesmo sabendo da presença de tropas portuguesas na altura no Iraque, é de todo razoável assumir que este conflito não teria a presença de jornalistas portugueses já que na verdade são poucos os conflitos armados que os soldados Portugueses participam que são referidos pela média nacionais. A verdade é que a reportagem de Paulo Moura em Mossul foi feita em larga parte por sua iniciativa através de fundos que o mesmo adquiriu após vencer um prémio desde então extinto que procurava premiar narrativas de viagem (mais especificamente a Bolsa de Exploração Nomad¹). O trabalho de Paulo Moura viria a dar

1 Na sua obra *Uma Casa em Mossul*, o autor atribui igualmente a origem deste livro à “generosidade e a visão de pessoas como Tiago Costa e os seus companheiros da agência Nomad e do espaço Manifesto que vão assegurar a sobrevivência da reportagem séria e das grandes narrativas sobre o nosso mundo.” (Moura, 2018, p. 12)

origem a um livro — *Uma casa em Mossul* (2018) — e o resultado da sua investigação é, para todos efeitos, aquilo que podemos chamar de um bom exemplo de jornalismo literário português.

Reportagem e investigação

Por jornalismo literário entende-se uma reportagem cuja atenção aos detalhes e linguagem afasta-se por natureza do jornalismo dito convencional. Este afastamento é visível à primeira vista no jornalismo literário já que estamos a falar de uma reportagem escrita que é tipicamente mais longa e com um carácter mais literário. Importa vincar que apesar do seu lado narrativo, o jornalismo literário define-se igualmente pela precisão de ser fiel aos factos tal como qualquer outra produção jornalística. Apesar de tudo e graças a este lado narrativo, por vezes o jornalismo literário é confundido com ficção em larga parte por o público em geral não estar habituado a este tipo de narrativa numa publicação jornalística. Esta perspetiva foi debatida de forma interessante por Norman Sims, uma das figuras mais importantes no estudo do jornalismo literário, que debateu esta temática afirmando:

Reading literary journalism, we are tempted to ask if this is really non-fiction or if the author has invented some of the dialogue and details that make ordinary characters seem more noble or real. (...) A writer who makes mistakes, who doesn't convey a realistic world, will lose the most knowing readers. (...) Literary journalists are boundary crossers in search of a deeper perspective on our lives and times (Sims, In Sims & Kramer, 1995, pp. 18-19).

Um exemplo simples para distinguir jornalismo convencional de jornalismo literário pode ser percebido através de, por exemplo, a cobertura jornalística de um evento desportivo. Se procuramos saber o resultado de uma partida desportiva, então o jornalismo dito convencional é mais útil. Um rápido olhar sobre a capa de um jornal ou através da consulta de um site online e deparamo-nos imediatamente com resultado. Através de um jornal desportivo conseguimos ter acesso igualmente a vários artigos de opinião escritos por peritos na matéria e até análises críticas sobre a partida. Contudo, se o nosso objetivo é perceber melhor a experiência da partida, como foi viver esse acontecimento no local e as várias particularidades que se desenvolvem antes e depois da partida por aqueles que assistiram de perto esse acontecimento; então o melhor será escolhermos um tipo diferente jornalismo e, neste ponto, podemos falar do jornalismo literário. Um exemplo disto mesmo pode ser visto na cobertura do combate entre George Foreman e Muhammad Ali em Outubro de 1974 na cidade do Zaire (atual República Democrática do Congo). Uma rápida pesquisa online revela-nos o resultado deste confronto e até outros detalhes deste combate de boxe histórico. Mas para termos uma compreensão clara do acontecimento, como se passaram os meses antes do combate no Zaire, como foram os

treinos de ambos atletas, como decorreram as conferências de imprensa em que ambos atletas provocavam o adversário e como foi experienciar a expectativa do combate vivida na cidade; para compreender tudo isto e mais através do jornalismo, então a melhor alternativa é o jornalismo literário, em particular a obra *The Fight* (1975) de Norman Mailer. Esta obra trata-se de um exemplo perfeito para demonstrar as diferentes vertentes deste combate e como esta história está cheia de pormenores e detalhes. Veja-se por exemplo a seguinte cena em que Mailer descreve a sala de conferências destinada aos jornalistas a cobrir o combate do *The Fight* e onde podemos ver já uma descrição não muito habitual já que vemos esta cena na perspectiva do jornalista e, por momentos, o foco da atenção não são os atletas ou o combate mas antes a própria sala de conferências e as condições dadas aos jornalistas:

On Tuesday evening (...) something like two hundred journalists were sweating in Press Headquarters (...). A bureaucratic room offering a dirty floor, dirty beige walls, and rows of aluminum chairs with pale orange plastic bucket seats (...). An inadequate air-conditioning system added its clammy draft to the heat. Once assembled, the reporters were kept waiting in the Press Room for an hour and a half. From seven in the evening to eight-thirty, two hundred members of the press jammed a room whose fire laws would have closed the door at population eighty (...). After a while one began to recognize there were more important goals in life than fight tickets. Self-preservation might be one of them (Mailer, 1975, pp. 141-142).

Partindo deste exemplo de jornalismo literário, um exemplo coberto de pormenores e detalhes que nem sempre encontramos em peças de jornalismo convencional, importa reforçar a diferença entre estes dois tipos de jornalismo. É importante vincar que este estudo não está de nenhuma forma a argumentar que um formato é mais importante que o outro, nem se procura aqui vincar aquilo que distingue ambos formatos já que ambos partilham de várias semelhanças (por exemplo, ambos formatos reinventam a sua abordagem continuamente e ambos procuraram relatar os factos de uma forma informativa e relevante). Este estudo admite, igualmente, que é necessário que continue a haver espaço tanto para o jornalismo literário como para o jornalismo convencional, já que ambos nos oferecem diferentes informações sobre o acontecimento reportado e ambos são necessários para uma sociedade que queira estar informada, daí a necessidade da sua distinção. Esta distinção, entenda-se, foi apresentada de uma forma algo clara no livro *Passaporte para o Céu* (2006) de Paulo Moura. No Prefácio o académico Mark Kramer, outra figura internacional de larga importância para o panorama internacional do jornalismo literário, distingue o trabalho de Paulo Moura da seguinte forma:

O modelo convencional do jornalismo é uma espécie de voz comunal, a voz das sentinelas nas muralhas da cidade guardando o bem comum. É uma voz enérgica, assertiva, orientada para o

bem-estar da comunidade. A sua função é alertar para os perigos que a ameaçam, congratular as pessoas de espírito público e respetivas atividades em prol dessa comunidade. Em Portugal, este modelo foi adotado com entusiasmo mal as condições políticas o permitiram. É adotado na Europa democrática, e na imprensa livre em todo o mundo. É um modelo louvável. Mas Paulo Moura está um passo à frente. O modelo de jornalismo que pratica é outro. Que também tem as suas limitações. Porque trata muitas vezes de acontecimentos rotineiros, acontecimentos das esquinas obscuras do planeta, que não perturbam ou põem em risco a realidade quotidiana dos leitores. Acontecimentos que iluminam o lado obscuro da natureza humana, que também precisamos de conhecer, se queremos pensar lucidamente o nosso mundo (Kramer, In Moura, 2006, p. 18).

Neste sentido, e tendo sido explorada uma definição para o jornalismo literário através de exemplos práticos, passa-se agora para a proposta principal deste estudo. Entenda-se por isso que esta proposta assente na procura de demonstrar a importância do estudo do jornalismo literário português e como a sua análise e compreensão possibilita-nos ter uma visão da história do jornalismo nacional (em particular do Século XX e XXI português).

Sobre o jornalismo literário e o caso português

Para analisar uma temática tão profunda como a história do jornalismo português é importante delinear uma metodologia orientadora do foco de atenção. Para conceber tal análise podemos, por exemplo, partir de momentos históricos (Monarquia, Primeira República, Estado Novo, etc.), inovações tecnológicas (uso do telegrama ao serviço do jornalismo, invenção do rádio, etc.) e/ou figuras de renome (momentos marcantes do jornalismo através de indivíduos). Infelizmente cada uma destas particularidades tem os seus benefícios e limitações, como vamos ver.

Primeiro, uma análise histórica prende-nos ao facto de diferentes períodos históricos portugueses estarem mais estudados e mais preenchidos de episódios importantes para considerar do que outros (por exemplo, o jornalismo no Estado Novo é tema de vários livros e teses havendo um fascínio claro por este período, enquanto que em comparação o jornalismo da Primeira República é raramente alvo de estudo apesar do seu curto período de tempo estar igualmente coberto de histórias por explorar). Segundo, analisar o jornalismo pelas inovações tecnológicas permite-nos considerar o impacto do jornalismo escrito, do telegrama, do rádio, da televisão e da internet (entre outras inovações), isto significa que para o jornalismo em geral esta perspetiva não é de todo errada já que permite-nos conceber diferentes períodos da história do jornalismo e a necessidade de reinventar a sua produção. Mas tal análise prende-nos à ideia da inovação no jornalismo estar necessariamente ligada à tecnologia e não necessariamente a revoluções político-sociais. Neste sentido é fácil neste tipo

de perspectiva ignorar jornalistas que inovaram não a partir da tecnologia mas antes através da abordagem jornalística, técnicas de reportagem e/ou outras inovações não estritamente tecnológicas mas antes prático-teóricas (uma análise através da tecnologia, por exemplo, poderia desconsiderar o impacto claro de jornalistas como Hermano Neves, Adelino Gomes ou Cáceres Monteiro que não se destacaram necessariamente por usarem novas ferramentas jornalísticas mas antes por saberem reinventar aquelas que já estavam disponíveis). Por fim, no terceiro ponto sugeriu-se uma análise da história do jornalismo através de figuras de renome, jornalistas que claramente marcaram o jornalismo português. Contudo, ao analisar-se a história do jornalismo essencialmente por estas figuras corre-se o risco de não se ter em conta a importância dos outros dois pontos referidos — o avanço tecnológico e os diferentes períodos político-sociais em Portugal — já que estas e outras particularidades afetaram estes jornalistas dito de renome moldando e alterando as suas reportagens no panorama português. Neste ponto importa vincar que nenhum jornalista existe num vácuo sendo por isso necessário dar-lhe contexto já que este é um produto das influências e ensinamentos dos jornalistas e publicações dos seus tempos e anteriores provando, neste sentido, que é necessário alargar o foco e não limitar o mesmo.

Assim sendo, o que se propõe agora é demonstrar como é possível considerar a história do jornalismo literário português não necessariamente através do tempo, dos avanços tecnológicos ou de figuras de renome jornalístico; mas antes através da análise de reportagens particulares, exemplos práticos do jornalismo que foram publicados em diferentes períodos. A vantagem de considerar a história do jornalismo através de reportagens específicas é que temos um material físico que pode servir em parte como uma breve representação da sua época, do estilo de escrita e da linguagem usada. Igualmente, esta análise permite-nos um conhecimento do autor e do seu estilo, ao mesmo tempo que somos introduzidos ao período em que o mesmo se insere. A análise da história do jornalismo através de reportagens particulares, neste caso reportagens escritas já que estamos a falar do formato jornalístico com maior duração (i.e., o jornalismo escrito), possibilita-nos uma conceção da evolução do jornalismo nacional e de como se desenvolveram diferentes estilos ao longo do tempo. Igualmente, uma análise do jornalismo nacional a partir de exemplos práticos permite-nos ter uma visão direta e prática do jornalismo escrito realizado em diferentes épocas.² Através da análise de reportagens particulares do fim do Século XIX até aos dias de hoje conseguimos

2 Numa nota pessoal, recordo-me como estudante de não ser comum ler-se reportagens do tempo da Monarquia, Primeira República ou Estado Novo. Neste sentido, era como se o estudo da história do jornalismo fosse meramente feita com números, estatísticas e nomes importantes seguidos de algum contexto. Uma análise da história do jornalismo através de exemplos práticos, através de reportagens escolhidas e estudadas pode permitir não só uma melhor compreensão do período em que as mesmas se inserem mas também uma ligação a estes jornalistas e aos desafios que os mesmos tiveram de ultrapassar e as escolhas editoriais que fizeram (e, neste sentido, uma leitura direta das reportagens da época).

perceber como era concebido o jornalismo e como evoluiu ao longo do tempo, ao invés de termos apenas acesso a estatísticas ou gráficos sobre a evolução do jornalismo nestes períodos (não quer isto dizer que esta informação não seja essencial, aliás a mesma deve complementar um estudo sobre a história do jornalismo e não ser o seu foco principal). Assim, sugere-se uma forma de percebermos a evolução da história do jornalismo nacional através da análise de reportagens escritas de renome — isto é, através do jornalismo literário como aqui se sugere — sendo que o foco de estudo se estende desde o Século XIX até ao XXI.

Para demonstrar a importância de considerar a história do jornalismo português através do jornalismo literário sugerem-se algumas das várias reportagens cuja sua análise permite-nos obter uma visão da evolução da escrita e estilo jornalístico em Portugal ao longo dos anos. Entenda-se que os autores escolhidos são meramente ilustrativos da teoria aqui apresentada e que uma análise mais profunda dos mesmos — e especificamente das obras escolhidas — pode ser encontrada em outras investigações³. Começando no fim do Século XIX é importante considerar primeiro que tudo o trabalho de autores como Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins e Jaime Batalha Reis; quatro escritores cujas carreiras jornalísticas são por vezes esquecidas. A influência que a Inglaterra teve nestes jornalistas e o novo estilo jornalístico que estava a crescer neste país, em particular em jornais como o *Pall Mall Gazette*, acabou por marcar estes quatro jornalistas contribuindo para a origem das seguintes obras de estrutura próxima ao jornalismo literário: de Eça de Queirós temos os artigos que escreveu para o jornal *A Actualidade* em 1877 que se podem encontrar no livro *Cartas de Inglaterra e Crónicas de Londres*; de Ramalho Ortigão destaca-se *John Bull: O Processo Gordon Cumming, Lord Salisbury e Correlativos Desgostos* de 1887; de Jaime Batalha Reis a *Revista Inglesa: Crónicas* com textos do ano de 1888 e entre 1893 e 1896; e Oliveira Martins temos a *Inglaterra de Hoje: Cartas de um Viajante* de 1892. Importa notar, contudo, que ainda que estes quatro jornalistas tenham tido claras influências das suas experiências em Inglaterra e do jornalismo praticado na época neste país, a verdade é que importa notar que as suas reportagens e narrativas são distintas entre si.⁴

Com o fim da Monarquia e início da Primeira República temos aquela que é talvez a reportagem mais completa da Revolução Republicana com o livro *Como triunfou a Republica Subsídios para História da Revolução* de 4 de Outubro de 1910 de Hermano Neves, a partir das suas reportagens para o jornal *O Mundo* no qual trabalhava quando decorreu a revolução. De

3 Para considerar um estudo mais profundo sobre estes autores e outros veja-se por exemplo a tese de Doutoramento de Ciências da Comunicação de 2018: *21st Century Literary Journalism: Narrative Techniques and the Concept of Plot and Hero*, apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

4 Neste ponto atente-se à distinção apontada por Maria José Marinho: “Ramalho Ortigão e Oliveira Martins descreveram-nos a Grã-Bretanha e os que nela viviam como viajantes que, de passagem, apreciam os fenómenos sociais (...). Eça de Queiroz e Jaime Batalha Reis não só nos relataram a experiência de quem estacionou, por largo tempo, nessas paragens, como nos propuseram, também, a análise da política internacional” (Marinho, 1988, p. 11).

Hermano Neves temos também outras reportagens que importa notar: desde o seu trabalho para o jornal *A Capital*, a sua obra *Guerra Civil* de 1913 e a sua cobertura da Primeira Guerra Mundial⁵. Ainda durante a Primeira República Portuguesa importa destacar também a reportagem de Consiglieri Sá Pereira com o seu *Noite Sangrenta* de 1924, mais uma obra em linha com as restantes aqui mencionadas do Século XX onde vemos uma clara ligação do jornalismo literário português para com a cobertura conflitos armados (este tema foi debatido numa investigação que propôs a origem do jornalismo literário português e brasileiro como assentes na cobertura de conflitos armados nos respetivos países).⁶ Durante a Primeira República Portuguesa e na transição para o Estado Novo temos outros repórteres a destacar como Reinaldo Ferreira cujas suas reportagens de origem e factualidade dúbia representam ainda assim um ponto importante a referir neste estudo do jornalismo literário português.⁷

Durante o período do Estado Novo temos outras reportagens e jornalistas a referir como por exemplo o contributo jornalístico de António Ferro, contributo esse que ocorreu essencialmente antes de Ferro colaborar no Secretariado de Propaganda Nacional do Estado Novo. De António Ferro destaca-se o seu *Viagem à Volta das Ditaduras* de 1927, onde é de notar particularmente as suas descrições de Itália aquando a chegada de Mussolini e as suas entrevistas ao mesmo. Atente-se que durante o Estado Novo parece ser mais difícil encontrar exemplos de jornalismo literário nacional, talvez pelo facto da influência da censura ser conhecida de antemão por qualquer jornalista que quisesse escrever uma reportagem que pudesse de alguma forma ser vista como inconveniente para o regime. Não quer isto dizer claro que não houve trabalhos jornalísticos de qualidade nestas quase cinco décadas de ditadura, mas a censura teve o seu papel ao quebrar a verdade nas páginas de jornais portugueses. Exemplo disso é o trabalho de Mário Neves para o *Diário de Notícias* quando este cobriu o início da guerra civil espanhola, cobertura essa que foi mais tarde compilada no livro *A Chacina de Badajoz* (1985). As suas reportagens sobre o conflito de Badajoz de 11 a 16 Agosto de 1936 foram publicadas

5 Importa notar que Hermano Neves foi o primeiro jornalista português enviado por uma redação nacional a cobrir um conflito armado internacional. O seu trabalho a cobrir esta guerra foi marcado por dificuldades de se aproximar do campo de batalha e as suas reportagens são por isso limitadas e em várias partes escritas a partir de informações ditas por outros repórteres. Ainda assim Hermano Neves destaca-se por este feito tendo outras redações logo enviado outros repórteres para cobrir este conflito armado, como: José Augusto Correia e Luís Câmara dos Reis para o *Diário de Notícias* e Paulo Osório para *O Século*.

6 Neste ponto veja-se o artigo publicado em 2020 pela *International Association for Literary Journalism Studies* intitulado *Voices in War Times: Tracing the Roots of Lusophone Literary Journalism*.

7 A necessidade de referir Reinaldo Ferreira, apesar de sabermos que algumas das suas reportagens possuíam factos puramente inventados, deve-se ao facto do mesmo ser dos primeiros jornalistas a trazer o formato de longa reportagem para as páginas portuguesas. E, neste ponto, importa mencionar o seu contributo através da seguinte análise do Professor Jacinto Godinho: “Entre 1930 (9 de Agosto) e 1934 (28 de Junho) surge aquela que terá sido a primeira publicação, em Portugal, dedicada à ‘grande reportagem’ — o género da moda, então, por toda a Europa. Trata-se de *Repórter X*, uma revista semanal que tinha o elucidativo subtítulo de *semanário de grandes reportagens e de crítica a todos os acontecimentos sensacionais de Portugal e estrangeiro*. O seu director é Reinaldo Ferreira, apresentado, na sua própria revista, no primeiro número, como o ‘maior repórter português’” Godinho, 2009, p. 135.

no *Diário de Notícias*, exceto a última de dia 16 que foi cortada por inteiro e que era por sinal a mais descritiva sobre a violência e massacre que se passou nesta cidade fronteiriça. Sobre o porquê de apenas a última reportagem ter sido visada pela censura, Iva Delgado argumenta que as reportagens de Mário Neves passaram no jornal talvez por lapso já que a censura do Estado Novo estava numa fase algo embrionária na época e que nas décadas seguintes seria cada vez mais difícil passar despercebido dos censores do estado. Como esclarece nas notas suplementares da obra *Chacina de Badajoz*: “Depois da conquista de Badajoz, a 14 de Agosto de 1936, a Censura portuguesa, possivelmente tomada de surpresa, deixa passar num vespertino lisboeta — o ‘Diário de Lisboa’ — notícias referentes à queda da capital estremenha (...)” (Neves, 1985, p. 70).

O tema da guerra continua a dar azo a diferentes exemplos de jornalismo literário português, vários compilados em livro como o trabalho de Artur Maciel, intitulado *Angola Heróica* de 1963, escrito a partir do seu trabalho para o jornal *Diário de Notícias*. Noutro ponto e igualmente durante o período do Estado Novo, desta vez numa fase mais tardia, importa referir a entrada das mulheres nas redações portuguesas e as várias reportagens que encaixam neste tipo de investigação como por exemplo o trabalho de Edite Soeiro que viria a ser a primeira mulher em Portugal a cobrir os Jogos Olímpicos. Num período pós-Estado Novo considere-se também o trabalho Maria Antónia Fiadeiro, Guilherme de Melo, Fernando Dacosta, Viriato Teles e Jorge Trabulo para os *Cadernos de Reportagem*, uma publicação de pouca duração cujos trabalhos são exemplos de um novo jornalismo literário português num pós-regime ditatorial. Tendo em conta já a década de 1990 e o Século XXI importa referir o jornal *O Público* e o trabalho de jornalistas como Alexandra Lucas Coelho (*Tahrir — Os dias da Revolução* de 2011), Paulo Moura (*Longe do Mar* de 2012), Susana Moreira Marques (*Agora e na Hora da Nossa Morte* de 2012), Tiago Carrasco (*A Estrada da Revolução* de 2012), entre outros.

Neste sentido, e como se procurou mostrar, são vários os jornalistas literários portugueses ao longo das décadas e uma análise de reportagens selecionados dos mesmos permite-nos ter não só uma visão histórica de Portugal mas também uma perceção da evolução do jornalismo escrito e as novas gerações de jornalistas literários nacionais. Dito isto, procura-se agora expor as razões pelas quais se acredita que o jornalismo literário é um bom suporte para estudar a história do jornalismo português e por que razão esta deve ser uma disciplina académica na atualidade.

Jornalismo literário como disciplina e a história do jornalismo português

Na introdução da obra *Literary Journalism across the Globe* um dos seus editores, John Bak, analisa o jornalismo literário da seguinte forma:

We should stop referring to literary journalism as a genre, or even as a form, and start calling it what it is: a discipline (...) both literature and journalism evolved out of the same political principle of informing the public. Continually calling it a genre locks literary journalism into a subcategory of literature, alongside poetry and drama. Referring to it as a journalistic form sandwiches it somewhere between fiction and journalism (Bak, 2011, p. 18).

A necessidade de repensar o jornalismo literário como uma disciplina não é algo de novo e na verdade tem vindo a ser tema recorrente nas conferências da *International Association for Literary Journalism Studies*. Até este momento este estudo procurou argumentar a utilidade de considerar a história do jornalismo em Portugal através da análise do jornalismo praticado em diferentes épocas, em particular o jornalismo escrito nos moldes do que chamamos de jornalismo literário. Se há algo de comum nas várias reportagens escolhidas ao longo deste estudo é que cada uma pode ser lida como se de uma história se tratasse já que a sua estrutura está organizada de forma narrativa, ao contrário de outro tipo de reportagens que usam a estrutura da pirâmide invertida ou até outras formas de organizar o jornalismo dito convencional. É a partir desta ideia do jornalismo como uma história que assenta o potencial de analisar estas reportagens no campo académico, isto é, o potencial de dar aos estudantes acesso a estas distintas narrativas e o impacto que as mesmas podem ter. Neste ponto importa vincar que estas reportagens são distintas pois têm o potencial de ter um impacto nos leitores — os estudantes neste caso — já que, tal como Kevin Kerrane atenta em *The Art of Fact*:

The literary journalist enjoys a greater freedom in researching a story and a greater flexibility in telling it, often refocusing in an instant to take us beneath the surface and into the psyche, either a character's or the writer's own. As a result, the stories stay with us and (...) they may even read better over time. And so the best characterization of literary journalism may ultimately be the definition that Ezra Pound gave for literature: "news that stay news" (Kerrane, In Kerrane & Yagoda, 1998, p. 20).

Esta perspetiva é algo clara quando consideramos não só as obras de jornalismo literário nacional mencionadas até este ponto, assim como as obras de jornalismo literário internacional. De facto, são várias as reportagens que saltam à mente e felizmente várias podem ser lidas ainda hoje por estarem em formato livro, como por exemplo: *Hiroshima* (1946) de John Hersey, *Operation Massacre* (1957-2010) de Rodolfo Walsh ou *Fractured Lands* (2017) de Scott Anderson. Quando pensamos no jornalismo literário português devem também saltar à mente as reportagens mencionadas até este momento, mas também outras reportagens ainda por analisar e redescobrir já que está é uma temática rica em material para investigar. Entenda-se que o formato livro é cada vez mais um veículo para o jornalismo literário moderno e para a longa reportagem nos dias de hoje em que os jornais em formato papel parecem

ter o seu futuro em dúvida. Outra vantagem do jornalismo literário em formato livro é que o seu acesso é mais fácil do que se estivéssemos a falar de uma reportagem em particular publicada num jornal específico. Certamente seria difícil de se contra-argumentar que é mais fácil ter acesso a um livro do que a uma notícia publicada num jornal de há décadas atrás. Nem todos os jornais facilitam o acesso ao seu espólio e são várias as publicações que, se não fosse o esforço de bibliotecas e hemerotecas, estariam hoje ainda longe do acesso ao cidadão comum. Igualmente é mais fácil descobrir o trabalho de um repórter se este tiver um livro do que se este só escrever para um jornal, em particular um jornal em papel já que não é fácil encontrar as suas reportagens nos vários números publicados do dito jornal. Mas nem todo o jornalismo literário está em formato livro e nem todos os livros de jornalismo literário devem ser considerados para esta disciplina sendo por isso sempre necessário trabalhar com jornais e material de arquivo para assim procurar nas suas páginas exemplos de jornalismo literário, não só para incluir num estudo como este, mas também para possibilitar ao leitor um diferente tipo de contacto com informação jornalística.

Conclusão

Até este momento da investigação procurou-se argumentar sobre a utilidade do jornalismo literário, não só como disciplina académica, mas também como ferramenta para perceber o mundo que nos rodeia através de reportagens de valor jornalístico e literário. Apesar de tudo, e como já foi referido, pode porventura um leitor de jornalismo literário convencer-se que aquilo que lê não é verdade ou que alguns dos factos foram inventados. Quando assim for, isto é quando falamos de reportagens que foram alteradas e onde se inseriram momentos de ficção, importa notar que nesse caso não estamos a falar de jornalismo literário, mas antes de não-ficção ou até de um romance. Importa vincar esta ideia pois por jornalismo literário não estamos necessariamente a falar de todos os livros escritos por jornalistas, já que nem todos estes livros são reportagens ou jornalismo (exemplo disso são, por exemplo, os jornalistas portugueses Alexandra Lucas Coelho e Paulo Moura que ainda que tenham obras de jornalismo literário, ambos autores enveredaram também pela escrita de ficção).

E se um leitor que leia jornalismo literário se convence por acaso que aquilo que lê é uma visão subjetiva da realidade então importa vincar que há sempre uma subjetividade no jornalismo, nem que seja na decisão de apresentar uns factos primeiro que outros ou na decisão de que factos deixar de fora para economizar espaço ou até por uma escolha editorial de apresentar um tema primeiro que outro ou de uma certa forma. A prova desta subjetividade no jornalismo pode ser vista através da leitura de dois jornais diferentes publicados no mesmo dia: os conteúdos são sempre diferentes, independentemente de tratarem de diferentes assuntos, já que os autores, a ideologia/estilo do jornal e muitos outros fatores não

são semelhantes. Ainda sobre a subjetividade, e como me explicou o jornalista Paulo Moura numa entrevista que este me concedeu:

O Jornalismo é uma aproximação à verdade dos factos (...). Depois de se ter todos os dados, parte-se para uma reconstrução com elementos confirmados e verídicos. Não se vai inventar nenhum facto. (...) A seleção que tu fazes já é uma visão própria da realidade (Moura, In Coutinho, 2018, p. 484).

Quando entrevistei a jornalista Alexandra Lucas Coelho esta partilhou de uma visão semelhante, afirmando que: “O jornalismo age sempre dentro de um espectro que se chama a verdade (...). Depois a partir daí há várias dimensões da verdade” (Coelho, In Coutinho, 2018, p. 538). Conclua-se com estas duas visões de jornalistas portugueses pois, na perspetiva do autor deste estudo, todo o estudo sobre o jornalismo literário deve, sempre quanto possível, dar voz aos jornalistas literários pois são eles que praticam e investigam dando assim à luz reportagens que ficam e que marcam os seus leitores e a atualidade.

Referências bibliográficas

- Aguiar, J. (1984). *Uma incursão no Esoterismo Português*. In *Cadernos de Reportagem*, n.º 4, Janeiro 1984. Relógio d'Água.
- Anderson, S. (2017). *Fractured Lands: How the Arab World Came Apart*. Picador.
- Bak, J. (2011). Introduction. In J. Bak & B. Reynolds (Edit.), *Literary Journalism across the Globe* (pp. 1-20). University of Massachusetts Press.
- Carrasco, T. (2012). *A Estrada da Revolução*. Oficina do Livro.
- Coelho, A. L. (2011). *Tahrir — Os dias da Revolução*. Tinta-da-China.
- Coelho, A. L. (2013). *Vai, Brasil*. Tinta-da-China.
- Coutinho, M. J. C. (2018). *21st Century Literary Journalism: Narrative Techniques and the Concept of Plot and Hero*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. <https://run.unl.pt/handle/10362/49928>
- Dacosta, F. (1984). Os retornados estão a mudar Portugal. In *Cadernos de Reportagem*, n.º 6, Setembro/Outubro 1984. Relógio d'Água.
- Ferro, A. (1927). *Viagem à Volta das Ditaduras*. Empresa do Diário de Notícias.
- Fiadeiro, M. A. (1983). *Aborto: O crime está na lei*. In *Cadernos de Reportagem*, n.º 3, Novembro/Dezembro 1983. Relógio d'Água.
- Godinho, J. (2009). *As Origens da Reportagem — Imprensa*. Livros Horizonte.
- Godinho, J. (2011). *As Origens da Reportagem — Televisão*. Livros Horizonte.
- Hersey, J. (1946). *Hiroshima*. Penguin.
- Kerrane, K. (1998). Making Facts Dance. In K. Kerrane & B. Yagoda (Edit.), *The Art of Fact* (pp. 17-20). Touchstone.
- Maciel, A. (1963). *Angola Heróica*. Livraria Bertrand.
- Mailer, N. (1975). *The Fight*. Penguin.
- Marinho, M. J. (Org.). (1988). *Revista Inglesa (Crónicas)*. Publicações Dom Quixote.
- Marques, J. T. (1984). *Quando mato alguém fico um bocado deprimido*. In *Cadernos de Reportagem*, n.º 5, Fevereiro/Março 1984. Relógio d'Água.
- Marques, S. M. (2012). *Agora e na Hora da Nossa Morte*. Tinta-da-China.
- Melo, G. (1983). *Ser Homossexual em Portugal*. In *Cadernos de Reportagem*, n.º 1, Junho/Julho 1983. Relógio d'Água.
- Moura, P. (2006). *Passaporte para o Céu*. Dom Quixote.
- Moura, P. (2012). *Longe do Mar*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Moura, P. (2016). *Extremo Ocidental*. Elsinore.
- Moura, P. (2018). *Uma Casa em Mossul*. Objectiva.
- Neves, H. (1910). *Como triunfou a Republica; Subsídios para História da Revolução de 4 de Outubro de 1910*. Letra Livre.
- Neves, M. (1985). *A Chacina de Badajoz*. Edições “O Jornal”.
- Pereira, C. S. (1924). *Noite Sangrenta*. Bertrand.
- Queirós, E. (1971). *Cartas de Inglaterra e Crónicas de Londres*. Livros do Brasil.
- Queirós, E. & Ortigão, R. (2002). “O Bei de Tunes” de Eça de Queirós seguido de A Sir John Bull por Ramalho Ortigão. Frenesi.
- Queirós, L. M. (1997). *Repórter X — Reinaldo Ferreira nasceu há um século: Memórias de um Repórter*. In *Público*. <http://alfarrabio.di.uminho.pt/reinaldo/reporterX-publico.html>
- Sá Pereira, C. (1924). *Noite Sangrenta*. Bertrand.
- Sims, N. & Kramer, M. eds. (1995). *Literary Journalism*. Ballentine.
- Soeiro, E., (1968). *México Capital Olímpica do Mundo*. *Jornal Notícia: Semanário Ilustrado*, 28 de Outubro 1968.
- Teles, V. (1983). *Zeca Afonso: As voltas de um andarilho*. In *Cadernos de Reportagem*, n.º 2, Agosto/Setembro 1983. Relógio d'Água.
- Ventura, I. (2007). *A emergência das Mulheres repórteres nas décadas de 60 e 70*. Tese de Mestrado apresentada à Universidade Aberta. <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/559/1/LC361.pdf>
- Ventura, I. (2009). *As Primeiras Mulheres Repórteres — Portugal nos anos 60 e 70*. Tinta-da-China.
- Walsh, R. (2010). *Operation Massacre*. Old St.